

LUIS ATHOUGUIA

COMENTÁRIOS / ENSAIOS CRÍTICOS SOBRE A SUA PINTURA

ARTUR CRUZEIRO SEIXAS - Lisboa, 1995

IN CATÁLOGO GALERIA SÃO MAMEDE

Há por certo uma grave crise na pintura, como a há na política. Muita gente pinta para ganhar dinheiro; e, outros haverá que estão convencidos que as coisas corriqueiras que fazem estão perto da genialidade. Mas de facto NOVO há realmente muito pouco – ou é novo, este tão prolongado e tão dolorosamente evidente NÃO HAVER, reflexo de uma crise das mais excepcionais da história, que não permite qualquer hipótese de amanhã. A Bósnia, a SIDA, a droga, ou o metropolitano de Tóquio são horrores do nosso dia a dia; mas mesmo sem se ser parvamente optimista, se torna evidente que o mundo não vai acabar, que ao fim do túnel a luz vai irromper – com que intensidade e quando e com que exigências, é que ninguém pode prever.

Entretanto encontra-se gente que pinta ainda fora dos circuitos da celebridade real ou fictícia, e seria sobre estes que eu gostaria de escrever, mas é sobre os que das mil e uma maneiras possíveis já atingiram a celebridade, que insistentemente se escreve e reescreve.

O Luís Athouguia quis mostrar-me a sua pintura; trata-se de pedaços de sonho, jardins para os nossos olhos passearem, lembranças obscuras, iluminações intermitentes, palavras tresmalhadas, janelas da sua alma, a sua natural respiração.

É evidente que esta minha linguagem não é a que se adequa à circunstância de um prefácio. E de resto quem, sem algum risco, pode entre milhões de pretendentes eleger hoje um único? Por isso se diz de uma qualquer pintura aquilo que se podia dizer de uma qualquer outra. Quanto a mim, é nada sabendo, que tento apresentar este pintor à vossa sensibilidade.

Sempre agradecerei, entre as coisas mais belas que me aconteceram, o ter sido das primeiras vozes a referir o Raul Perez, a Paula Rego, o Mário Botas ou o Manuel Amado. A eles o agradeço, pois de forma tão excelente, souberam confirmar a cegueira da minha paixão.

A pintura do Luís é encontro e desencontro, é uma certa dose de solidão, é um eco, uma tênue ponte, a luz da madrugada, o discreto marulhar da água na secra da paisagem, a fronteira entre o ontem e o hoje, um projecto de viagem.

A verdade é que já não há coluna gótica que não tenha a sua motorizada, como se fossem irmãos de sangue, ou mesmo amantes. E



Athouguia na exposição de Coimbra (2007)

reconhecido está, que os nossos pés são sempre terra estrangeira.

Por vezes naquilo que o Luís guarda em pastas, e por certo aparecerá noutras exposições suas, há momentos exaltantes, como o da beleza dos seus desenhos de 1985, que são manuelinos como alguns desenhos do Areal, e pedem um editor que infelizmente por agora não temos.

Sei lá o que vai acontecer a esta pintura amanhã? Mas hoje, não posso deixar de homenagear nela gente que é desconhecida, e deveria ser conhecida. Quero referir as quatro paredes deste atelier onde há pintura de familiares do Luís, que por estranha maquinação do meio ou da estória não nos foi mostrada ainda. No Luís cumpriu talvez, essa pintura, uma parte da sua missão.

É evidente que isto não é um prefácio, que não o sei fazer, e que me vanglorio disso. Sensatamente quando do nosso encontro, disse-lhe que não contasse comigo para prefaciá-la esta sua primeira exposição individual em Lisboa, mas regressado a minha casa foi-me impossível manter esta prudente intenção, e aqui lhe deixo este abraço algo amargo, de que me desculpo. Não posso deixar de lhe pedir, ou de lhe exigir, sempre mais liberdade e invenção; mas o mais difícil é saber ir até onde a liberdade e a invenção não nos escravizem.

Se o ter-me pedido algumas palavras me dá algum direito, tomo-o para lhe pedir que não tenha pressa de ser reconhecido, e que não vista a sua pintura à última moda de Paris ou Nova-Yorque. Quantos anos esperou Picasso para ser mostrado em museu? Pois hoje mal terminado o quadro, há logo quem vá bater apressadamente à porta do museu, o que não posso deixar de interpretar como o fim lamentável de todo o impulso revolucionário.

MANUEL DA SILVA RAMOS - Aveiro, 2009
Escritor

UMA PINTURA RICA E ONÍRICA

Fui ao atelier do Luís Athouguia na Parede num dia de Maio de intenso calor. No caminho, passámos os dois à beira das praias que inusitadamente regurgitavam de gente. Ainda não era Verão e já as pessoas se despiam num arrojo automático. A estranheza destas perturbações climáticas acabou no atelier do Luís Athouguia onde levei com um banho de frescura. Na realidade, o que vi naquela tarde, pastel e aguarelas, deixou-me mais vivo e cheio de esperança. O frescor dos sonhos vinha ao meu encontro.

O grande poeta francês Gérard de Nerval, que viveu uma vida estranha mas muito coerente, disse antes de morrer: «*Le rêve est une seconde vie*» (*O sonho é uma segunda vida*). Há já muitos e muitos anos (precisamente desde a sua primeira exposição em 1983) que Luís Athouguia persegue esta via onírica para o seu bem e para o nosso. Mas nele, o sonho é genético. Nascido numa família de pintores, ele não faz mais que continuar essa tendência natural que conduz à mais emotiva das realizações artísticas – a beleza absoluta que transporta.

Basta só vermos o inaudito quadro “Carnaval Quotidiano”, para ficarmos subjugados pelo poder mágico do pintor. Apoiando-se sobre umas cores soberbas, onde o real esforço parece despenhado (na realidade ele só está escondido), Athouguia obriga-nos a parar na vida. Tal é o choque pictórico que se materializa diante dos nossos olhos. Emoção e saber. Força criativa. Presença volantim que se renova. O espectador adquire todos os direitos importados. Max Ernst não está longe, mas o valor de Luís Athouguia não fica desmentido, pelo contrário, o pintor da Parede fica muito bem, independente e só, ao lado do pintor surrealista amigo de Breton.

«*Só gosto de considerar um quadro como uma janela; e a partir daí a minha única preocupação é de saber para onde é que ela dá*» dizia André Breton. Não só o quadro “Carnaval Quotidiano”, mas todos os quadros onde reina o formidável pastel de Luís Athouguia, são janelas abertas para a emoção. São janelas que nos fazem ver vidas guilhotinadas mas que gozam de uma faculdade de locomoção desmesurada. São janelas essenciais que deixando para trás o quotidiano



mais prático se abrem a velozes mares de pensamento. São janelas incessantes que dão para montanhas movediças de sonhos. Não tenhamos medo de o dizer: o pastel substancial de Athouguia ilumina a nossa noite e traz-nos a pureza dos primitivos tempos em que podíamos tocar as estrelas com as mãos.

Mostrando-se como um modo adjacente, e não secundário, em relação ao fantástico geral dos quadros de maior dimensão em pastel, as pequenas aguarelas de “Imaterialidades” são pequenos pensamentos elásticos. Maravilhas da filigrana dos sonhos. São materialidades esboroadas à maneira de André Masson e como este pintor que trabalhou com a areia nos seus quadros também Athouguia se arquetipa aqui numa posição criativa que esfacela o tempo minúsculo dos devaneios. Assim cada uma das suas pequenas aguarelas é um relógio de areia que nos paralisa. E nos faz sonhar. A chuva miudinha dos sonhos tranquilizadores. Assim são estes quadrosinhos. Poderosos tranquilizadores contra a austeridade do nosso mundo.

Em resumo. Esta exposição de Luís Athouguia, “Dissonância Surreal”, que se dirige para o país do sal é um verdadeiro acontecimento num momento em que o mundo da pintura vive uma crise de valores e uma crise de críticos de pintura, num universo onde reina o artifício, o oportunismo, a mediocridade e, claro, a uniformização.

Diga-se: ninguém actualmente em Portugal faz uma pintura destas. O Luís Athouguia é único e inclassificável não é surrealista nem deixa de ser quando afirma a sua reticência!) e é toda esta volúpia do sonho que faz a sua força. E também o seu equilíbrio. Agora que morreram o Mário Botas, o Cesariny, o Álvaro Lapa, resta-nos o Luís Athouguia para nos conduzir ao país onde os coelhos usam relógios de pulso e as meninas têm mais de dois seios no peito.

JOAN LLUÍS MONTANÉ - Madrid, 2005
Associação Internacional de Críticos de Arte

DA PERCEPÇÃO À FORMA, ONIRISMO E TRANSCENDÊNCIA

A sua obra está dividida em duas vertentes: a geométrico-abstracta e a deliquescente, gestual. Na primeira desestrutura temáticas, realidades que se convertem em outras realidades que não têm necessariamente que ver com a real, em partes de um puzzle que muda a cada momento, mas mantém a sensualidade cromática, a força da divisão produzida pela introdução da cor negra, enquanto a sua outra produção artística é mais densa, deliquescente, desligada de estruturas formais, produto das suas elucubrações abstractas.

A sua produção pictórica move-se entre mundos diferentes, um, o real, o que se nutre de referências directas, precisas, de uma realidade que não é a nossa mas que procede da que partilhamos, ainda que a desestrua, mediatize, avançando das essências que a conduzem, porque não lhe interessa a descrição, procurando outras inscrições procedentes do mundo onírico, do submundo dos interstícios da fenomenologia da própria variabilidade da existência. Tudo está sujeito a mudanças, não há virar de página, porque não existe o real estático, senão uma visão dinamizada da mesma, em que tudo é mudança e daí a presença de fragmentos, de realidades formais que nos conduzem a outras realidades inventadas, mentais, neuronais ou até procedentes de outros mundos. Não está neste mundo, mas num intermédio, entre a vigília e o sonho, a meio caminho entre a viagem astral e a proposta visceral de uma maneira de visionar a existência mais além das condicionantes biológicas.

Esta sensação aumenta na sua obra mais abstracta, na qual tudo parece fluir, ser produto de circunstâncias e momentos que transformam cores, formas e conceitos, que viajam com a força da luz, que se desintegram e se voltam a integrar. Não há nada de estranho nisso, porque o importante não é o que se vislumbra, mas sim o que o artista quer dizer-nos. Quer dizer que a sua mensagem é complexa, quer comunicar muitas coisas, todavia não é transparente, mas sim produto da acção de diferentes energias que acedem e se ligam à sua própria infra-estrutura.



Exposição "Imponderáveis e Outros" - Cartaxo (2008)



No seu Atelier em Cascais (2006)

Quer, a todo o momento, propiciar uma reflexão em torno da realidade existente, dotar-nos de uma visão distinta, de um pensamento referente à própria vontade de ser transparente, lúcido, de veicular-se em linha com propósitos que se baseiam na profilaxia do sistema de geometria surreal abstracta que se encontra no cosmos da sua micro realidade.

Ordenado, calculador, deixa fluir mas controla as energias, dirigindo-as aos objectivos plásticos que lhe interessam, procurando controlar o descontrolo das formas, incidindo nas possibilidades de expressão das linhas plasmáticas que interligam as energias que nutrem cores e formas.

Visiona a realidade a partir dessa outra existência, fomentando a ideia de liberdade contida no onirismo da sua temática, baseada no prolegómenos da sua vidência. Não está neste mundo, mas num intermédio, entre a vigília e o sonho, a meio caminho entre a viagem astral e a proposta visceral de uma maneira de visionar a existência mais estruturada em torno da fragmentação das partículas.

RUI MATOSO - Torres Vedras, 2007
Gestor e Programador Cultural

A GÉNESE DE UM MUNDO A HAVER

*A adolescência do fogo incendeia a solidão nua
e respira a rosácea de um permanente limiar
em que a lava se torna cristal e a agonia
plácida volúpia.*

António Ramos Rosa

1. Nada parece ser tão óbvio e consensual como a metamorfose do trabalho de um artista. Ao longo da sua vida a obra transmuta-se em direcções por vezes inesperadas, novos materiais e suportes podem surgir trazendo consigo a possibilidade da descoberta de visões ainda inéditas. A produção artística de Luís Athougua não é alheia a esta transformação vital, mesmo enquanto perduram os materiais ou as técnicas que a suportam.

Mantendo-se numa rigorosa, mas dupla, fidelidade ao pastel seco e à aguarela, as mutações plásticas do seu trabalho são suficientemente visíveis e, vêm percorrendo uma subtil viagem da forma sobre a superfície áspera do papel.



Exposição com o grupo Internacional Colectivo Cillero, Madrid 2007

Como no caminhar cujo destino ainda se desconhece, a obra de Athouguia move-se naturalmente por si mesma, entregue a um saber-fazer manual e quotidiano. Mas é só a partir de uma perspectiva abrangente da sua produção – desenho e pintura – que se torna possível observar essa deslocação do traço, que nasce com um registo mais abstracto e orgânico, para se inscrever agora – nas mais recentes pinturas – como representação e narrativa.

2. A fase actual da obra de Athouguia alterou radicalmente as regras da relação com o observador, a comunicação metafórica tornou-se um imperativo quando antes era apenas mera hipótese. Estas pinturas exigem uma forma peculiar de interacção simbólica e lúdica, propondo-nos cenários para todas as encenações que conseguirmos manter entre os personagens que nelas habitam.

Em contraponto com os trabalhos mais antigos e viscerais, onde a imagem provinha de um gesto informal (sem objectivos premeditados de representação ou figuração), a produção actual faz uso de uma linguagem plástica elaborada, com uma sintaxe e uma semântica bem desenvolvidas e muito específicas. Há mesmo um repertório de figuras, de símbolos ou de acções que vão sendo manipulados de forma persistente, fazendo e refazendo múltiplas ficções em torno daquilo que parece ser uma única mitologia. E se há mitologia é porque há mundo, mundo metaforicamente transfigurado em visão.

Ou seja, aquilo que de fundamental Luís Athouguia nos propõe é a partilha da sua mundividência, da sua concepção estética do cosmos, apresentada e fragmentada em cada obra materializada a pastel seco sobre papel.

Se numa etapa anterior o artista nos propunha um acesso à sua obra recorrendo quase exclusivamente a um virtuosismo retiniano e alucinatório, desenhando ou pintando num registo que me atrevo a designar como abstraccionismo-orgânico (visceral-vegetal), solicitando do observador pouco mais do que o olhar atento, actualmente algo mais está em jogo.

3. Se admitirmos então como natural a metamorfose plástica da obra, podemos também aceitar a mudança operada no artista da ideia de

arte, da sua arte. É possível passar de uma crença baseada na suposta beleza visual da obra – as cores, as formas, as texturas que exprimiriam as emoções do artista –, ou na beleza convulsiva se quisermos atender aos predicados de origem surrealista, para uma compreensão onde se inclua ainda uma dimensão cognitiva, e consequentemente, uma tarefa de interpretação. Nesse caso, compreender uma obra de arte é interpretá-la tão correctamente quanto possível, perceber que ela é portadora de uma determinada organização do mundo. Esta corresponderia a uma perspectiva não apenas experiencial da emoção estética mas também cognitivista da arte.

O que estes novos trabalhos de Athouguia trazem a campo é essa inaudita possibilidade, a possibilidade de, através de um sistema simbólico próprio, o observador poder desenvolver por si uma teia de conexões entre os diversos elementos simbólicos pertencentes a um mesmo alfabeto pictórico (sistema) relativamente decifrável.

Qualquer sistema simbólico consiste num conjunto de símbolos que interagem entre si, a que podemos também chamar esquema, e numa função simbolizante do símbolo que é a que permite identificar o seu referente. Apesar de a manipulação de símbolos não ser exclusivo das artes – a ciência também os usa em abundância –, a história da arte é fecunda no uso de esquemas simbólicos, designadamente no período maneirista e barroco (anagramas, emblemas, alegorias), estando bem patente na obra gráfica e no desenho de alguns dos maiores mestres, cujos elementos referentes constituíam uma segunda leitura, hermética, das obras.

No caso de Luís Athouguia, a simbologia utilizada é constante e idêntica, daí a certeza de estarmos perante um sistema, ou se se preferir, um alfabeto. Alguns desses caracteres (figuras) são facilmente identificáveis: o cedro, a escada (degraus), montanhas, o homem, o peixe ou a seta, formam, em cada pintura, uma rede de significados interdependentes, um horizonte onde se desenrola um jogo – ou vários jogos – entre as figuras-símbolo, suscitando micro-narrativas de índole mitológica: a génese de um mundo a haver.

Há, portanto, muitos sistemas simbólicos diferentes, cujas convenções internas são a chave que nos fornece a identificação daquilo que é representado. Como as convenções (regras) não nos são fornecidas *a priori*, surge normalmente o



Athouguia e Fernando Grade na Galeria de Arruda dos Vinhos (1999)

problema da interpretação dos códigos subentendidos em cada símbolo ou sistema.

A única solução passa pela aprendizagem, pela iniciação em determinado contexto cultural, científico ou artístico. Daí que, em obras com estas características, sejam sempre úteis todas as pistas deixadas pelo autor, e uma das mais importantes é sem dúvida o título dado à obra. Através de uma operação de nomeação é possível accionar a dimensão poética do símbolo-palavra, cujas características funcionais acrescem às do símbolo-pintura, permitindo assim uma melhor, mais completa, aproximação ao enigma do objecto artístico colocado diante do olhar.

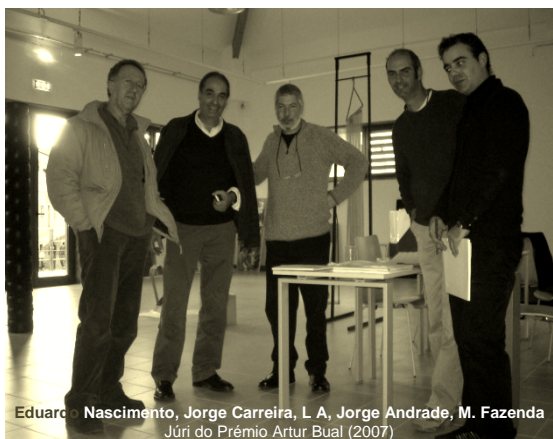
Na pintura cujo título é "limiar de fenómeno" (2005) a denominação presta-se a conferir uma característica temporal à acção representada, uma suspensão na duração do tempo – um limiar para um acontecimento prestes a ocorrer –, a partir desse momento todo um imaginário de tipo apocalíptico (como sinal do fim dos tempos ou da revelação eminente) é convocado para engendrar um lugar virtual destinado aos elementos figurados que constituem a pintura em si. Este é apenas um exemplo de como a metáfora escrita pode contribuir para a tarefa de decifração que o observador/investigador terá de enfrentar em cada um dos cenários propostos pelo artista.

FERNANDO GRADE - Seixal, 2000

O FUNDO DO MAR PERTENCE AOS FUNDOS DO UNIVERSO.

Há muitos anos, em Amsterdam, no Dam, travei conhecimento com um casal exótico (ele - mulato do Senegal; ela - francesa de Ardenes). Aqueles dois e eu éramos, ao tempo, balzaquianos, mas por baixo, ou seja, idades de 30 e pouco, e falávamos em Francês sobre pintura e seus arredores. A rapariga chamava-se Francine, nunca esqueci; o senegalês, cujo nome não me lembro, era de Dakar, isso fixei.

O jovem pretendia ganhar a Holanda em arte, tinha cabelos esbaforidos de hippy e, no bolso, uma mancha de travel-cheques do papá africano. Soba do mundo. O jovem viajante mostrou-me alguns desenhos e aguarelas, e eu disse-lhe:



Eduardo Nascimento, Jorge Carreira, L. A., Jorge Andrade, M. Fazenda
Júri do Prémio Artur Bual (2007)



Com o escultor Nuno Vasa numa exposição conjunta (2000)

- Tu trabalhas pouco. O trabalho é o centro do universo! Não há pintor sem trabalho, manual ou mental. E ter os olhos abertos para.

Por antinomia, lembrei-me do que vou dizer a seguir. O camarada d'artes Luís Athougua apresenta-se como um trabalhador emérito. Procura. Impõe-se na luta pela forma. A pintura requer a aquisição de uma gramática pessoal. Mas quero fazer alguma história, começando por alfa.

A primeira presença (quer individual quer colectivamente) de L. Athougua, no concelho do Seixal, denota, da parte do Autor, as mesmas preocupações estético-espaciais que norteiam, desde o início da actividade, a sua obra plástica.

Nascido em Cascais, no ano de 1953, L.A. começa a expor 30 anos depois.

Reconhece-se que a linguagem esgrimida não tem sofrido sobressaltos ou abanões, porquanto, descoberto o trajecto próprio, gravitando numa zona de luz e sombra, de facto, peculiar e brandindo um entendimento transformista do acto estético, jamais Athougua desmanchou esse equilíbrio formalista e vivencial, esse modo incomum de dispor os matizes no plano.

Tais pinturas, muitas vezes soberbas, constroem-se no doseamento das cores, na interacção, tudo é conseguido a pulso, já que existe um labor muito consistente.

Não existe presença humana, memórias de casas ou de corpos glorificados ou destruídos nos suportes de L.A. Tudo acontece (ufano ou soturno, embruxado ou luminar) nas profundezas do mundo marinho ou nos espaços siderais em fora, mormente nestes últimos referentes onde através dos quais - mais milhão ou menos milhão de anos - a matéria irá cansar-se de criar, perderá eficácia e vai regressar ao ponto zero e quedo e misteriosamente pacato de que saiu. Para depois, decerto - decerto? - voltar a explodir...

A linguagem do Autor serpenteia à volta e no âmago de uma meada cromática de matrizes fascinantes onde a luz (do étimo latino luce) é rainha, não consorte, não de par de cama, mas rainha-mor; trata-se de uma luz vivaz, que já fecundou o pó, pô-lo a caminho, rumo à pátria da



água. Abeiramo-nos, afirmativamente, de um sonho com maiúscula, mas, para lá da construção desse habitat onírico, descortina-se um adestramento superconseguido na combinatória das cores, que são fixadas ou impostas ao suporte impelidas pela força táctil das mãos. Porque é pintura a pastel seco. Daí que o *modus faciendi* nunca passe pela utilização de pincéis ou trinchas ou outros utensílios.

A mão dá a cor e confere a dimensão desmedida. O espaço, mesmo pictórico preenchido no todo, respira sempre. Em termos judicativos, isso satisfaz-me muito. Por opção pessoal, agrada-me imenso, ou não fosse eu adepto da espacialidade, ou não fosse o autor destas linhas um dos fundadores (1964-1965) do Movimento Desintegracionista Português.

A verdade é que a mão à solta significa trabalho. Perseverança. Arte. "...golpe de asa", parafraseando o genial poeta e suicida Mário de Sá-Carneiro. Foi o esforço e foi o trabalho que agigantaram o macaco e fizeram-no ascender a homem. Ao longo de muitas, muitíssimas eras.

Os pintores vivem especialmente dos olhos e das técnicas pessoais que tenham conseguido desenvolver. Este paradigma constitui o cerne da estilística de Athougua. Porque as boas intenções não bastam. Os conteúdos têm sido sempre os mesmos ao longo da História. Os autores originais são os que conseguem contar de jeito novo as histórias/estórias velhas.

Luís Athougua afigura-se-nos ser um artista renovado, com uma pulsão encantatória nos objectos visuais que desvenda. Acaba, outrossim, por mostrar-se cénica a sua proposta; em definitivo, situada entre um diapasão de ruptura e o gosto lavado que a Arte assumida no tempo confere, desde os Gregos (de notável qualidade de pensamento, mas profundamente ignorantes...) até ao signo dos foguetões sábios, dos beijos cibernetas e dos corações feitos de lata e arames.

MARGARIDA RUAS GIL COSTA - Lisboa, 2006
IN CATÁLOGO MUSEU DA ÁGUA

Arte é uma investigação sobre instantes, acontecimentos e encontros a partir da circunscrição do espaço. É a memória da passagem do tempo e dos limites em que esse tempo acontece - morte e nascimento, princípio e fim.

No Universo de Cor de Luís Athougua, essa investigação, deixa em suspenso os planos e as texturas para substancializar uma atmosfera de luz e cor, onde a profundidade, a superfície, o interior e o exterior se embrenham em reciprocidade total, concebendo um local esvaziado, um vácuo que cria no observador a sensação de vertigem ou de abismo.

Um dia, Sir Walter Rayleigh disse:
"O Homem não pode dar uma razão para que a relva seja verde e não vermelha ou de outra qualquer cor."

É isso que Luís Athougua nos transmite, circunscrevendo-nos a esses locais sem que para isso nos tenha de prescrever nada cumprindo o livre arbítrio.

Bem Haja!

PAULO MACHADO DE JESUS - Lisboa, 2006
CATÁLOGO DE PONTE DE SOR

SOBRE O PINTOR LUIS ATHOUGUA

Conheci o Luís, há mais de vinte anos através de amigos comuns e desenvolveu-se o nosso convívio numa amizade que se entreteceu ao mesmo tempo que eu aprendia a conhecer e admirar a obra do pintor que ele também é. A pouco e pouco foi ganhando lugar a importância do pintor de tal forma que o que escrevi em 1997 continua, talvez com mais força, a ser verdade hoje. Relembro o que então escrevi sobre ele: "LUIS ATHOUGUA é um Esteta e um Pintor. A ordem destes termos é impossível de definir pois a Estética confunde-se, na sua vida, com uma Ética cavalheiresca que rege todos os seus gestos, a sua postura perante a vida, perante a Arte, perante os privilegiados que o podem contar como Amigo. A pintura vive-a como quem precisa dela para respirar: vive com ela, vive para ela, vive nela."

Herdeiro de uma família tradicional e ligada às artes, os Athougua (Pinto Basto), ele é bem o reflexo desse húmus familiar de tradição aliada à modernidade. Tradição nutrida na família mas da qual ele, o artista, se liberta e, como um alquimista, transmuta nas visões que nos oferece, parecendo dizer-nos com um sorriso fraternal: tomem-nas, procurem nos meus devaneios os sinais dos vossos sonhos, nos caminhos da minha



Em Ponte de Sor, com Paulo Machado de Jesus e os Autarcas (2006)

liberdade os vossos próprios sinais.

O pastel é o meio privilegiado da sua expressão plástica. Difícil e moroso tem pouca tradição na pintura portuguesa. Assim LUIS ATHOUGUIA cultiva esta técnica como um artista mas também como um artesão, como um antigo mestre de Ofício, trabalhando diariamente na sua oficina-atelier, sempre limpa e arrumada, sempre pronta, como uma taça, a recolher, com a alegria que transparece na sua obra, o néctar da inspiração.

Das vibrações ora viscerais ora minerais que habitavam nas suas obras da década de noventa, LUIS ATHOUGUIA fez nascer paisagens novas, construídas com recurso a símbolos antigos que parecem, e insistem, em querer viver de novo em lugares ora oníricos, ora num mundo próprio, em algum outro lado de um qualquer espelho, luminoso e feliz, onde aos símbolos se juntam manchas de cores, com vida própria, criando espaço e volume em matizes de luz, característica tão própria da sua obra.

Em 2005 ajudei-o a receber no seu estúdio um grupo de amigos do Colégio Washington & Lee, Universidade da Virgínia. Eles viveram a surpresa do encontro com a funcionalidade e luminosidade de uma oficina-atelier, sem dúvida a mais limpa e arrumada que já tinham visto. Curiosamente na Internet, na página da Washington & Lee, a viagem desse grupo americano era anunciada descrevendo Portugal como "Europe's hidden jewel" (a jóia oculta da Europa).

Parafraseando os seus admiradores americanos eu classificaria a arte de LUIS ATHOUGUIA, sem dúvida, como uma jóia, felizmente cada vez menos oculta, da pintura portuguesa contemporânea.

MANUEL RODRIGUES VAZ - Lisboa, 2004

LUÍS ATHOUGUIA: PAISAGENS DE ALMA

Tendo surgido logo no começo da sua obra com um discurso que parte de uma necessidade que começa e termina com o quadro,



Com Rodrigues Vaz na Galeria dos CTT - Correios, em Lisboa (2002)



em que as emoções não só passam pelo crivo da pintura, mas também dimanam dela, convertendo a sua obra numa causa, Luís Athouguia prossegue num território pictural muito pessoal, inequivocamente singular, intensificando cada vez mais as razões que o levam à verbalização tanto de objectivos como de instantes transitórios inerentes ao processo da pintura.

À medida que a sua obra se vai desenvolvendo, é crescentemente nítido que parece que esteve todos estes anos anteriores à procura do seu lugar no mundo, tentando adaptar-nos às suas idiossincrasias, ao mesmo tempo que, como se de terra profunda se tratasse, a pele que percebemos da sua obra houvesse sido lavrada, preparada, semeando a extensão de emoções sobre a qual hoje se pintam os canais de um argumento sensitivo sobre o suporte de uma dimensão que conhecemos.

A pintura de Luís Athouguia faz-se levantar, deste modo, a si mesma, deixando o fundo como linha de um horizonte que alivia esteticamente outras esferas de continuidade objectual. Objectual na medida em que, dentro do mesmo estrato, a intenção do artista concilia com a nossa percepção os diferentes planos.

Tendo evoluído nos últimos anos para uma depuração cada vez mais carnal, a sua obra é cada vez mais pintura e sempre o será, os esquemas é que variaram. Vão deixando, no entanto, canais que animam o surgimento de elementos com corpo, plasmando através de manchas lineares e em ricas entoações cromáticas as inquietudes do mundo moderno. Expressionismo, geometrismo, colorismo; mediante eles o pintor propõe espaços plásticos nos quais junta o reflexivo e o poético e intuitivo, o geometrismo e rigor e o lirismo.

As suas imagens pictóricas delineiam sobretudo uma unificação de formas, uma acumulação de traços/manchas de cor em distintas direcções, organizados de forma aparentemente aleatória, em vertical, horizontal, diagonal, numa reconstrução plástica e reflexiva do plano. O primeiro traço é o que marca a pauta à conformação do resto das manchas de cor, e a repetição e o horror ao vácuo é o resultado de construções abstractas que para o artista são algo também real, uma existência com todas as suas contradições e ambivalências.



Nas suas elaborações plásticas, Luís Athouguia utiliza diferentes formatos e, a partir daí, adapta umas formas que se vão criando e transformando em visões plenas de dinamismo, caos, serenidade, força, negação ou afirmação... segundo a direcção do núcleo inicial, sobrepondo e confrontando cores distintas, criando velaturas e zonas opacas, iluminando e sombreando, jogando, enfim, com o elemento plástico e com todos os seus efeitos, isto é, manifestando o duplo aspecto da liberdade e da dimensão espiritual da cor e da abstracção.

De certo modo as suas composições são estados de alma, ou por outro, paisagens de alma, sintetizando o real ao convertê-lo em linhas e planos, dois elementos essenciais que são suficientes para dizer tudo. Ou, o que é o mesmo, optando pela representação do universal submetendo o detalhe ao conjunto e desterrando toda a particularidade individual, mas sem deixar, no entanto, de preservar nas suas pinturas o lirismo, o espírito expressivo do interior.

ÁLVARO LOBATO FARIA, Lisboa, 2003

IN CATÁLOGO GALERIA MAC

Uma rígida e estruturada disciplina, formaliza e geometriza a sua arte.

No domínio da suavidade cromática, contrasta e harmoniza o intelecto do emotivo.

Sentir a sua arte, é sentir o equilíbrio do movimento a sensatez da vida, o optimismo no amanhã, retratados linha por linha, forma por forma, cor por cor, nos seus desenhos figurativos esquemáticos, como também no abstracto geometrizado.

Foi o que senti ao observar pela primeira vez a pintura de Luís Athouguia, comoveram-me as pulsações tensas, contidas, redutoramente serenas, que emanavam da sua obra.

A matéria que ao mesmo tempo anunciava a sua substância secreta que despejava em torno de si próprio, os efeitos multiplicadores da sua linguagem.

O límpido cromatismo de um universo cujo porvir da sua gramática se ajustava a novos conceitos, construía e desfazia ícones, mitos, sob o jugo de irrestrita fidelidade a uma certa sintaxe geométrica, atrás da qual se escondiam labirintos lógicos, previstos pelo artista.

Seguro do seu ofício, na obra de Luís Athouguia, não se localizam vestígios de submissão a aventuras inconsequentes, e com lugar de crescente destaque nas artes plásticas portuguesas, o seu trabalho, originário de profunda reflexão, fertiliza-se por força de um quotidiano artístico rigoroso, pairando sobre a sua criação aquela dimensão lírica e melancólica que só um artista subtil como Athouguia tem a graça e o poder de ostentar.

Porém, se o artista é soberano sobre a sua obra, haverá, por certo, quem veja/invente, nas suas superfícies, um pouco de paisagens, de ruínas, de vegetais e mares.

Antes, porém, o universo do artista prevalece.

Luís Athouguia, apresenta-nos esse seu universo criativo onde se destaca a capacidade técnica e o talento de um bom artista da contemporaneidade portuguesa.

Pintor das formas e da cor mostra-nos num clima alegórico, a sensibilidade crítica e pureza técnica.

Sem grandes detalhes, ele recria os seus sonhos, com uma perfeita harmonia das cores e



sobriedade nos encantamentos que revela.

Faz-nos parceiros de tanta beleza que cria, levando-nos ao mundo das fantasias que busca na incessante faina de criador, traduzindo assim, toda a sua autenticidade, nos trabalhos que nos apresenta.

Há um lugar especial para artistas como Athouguia, que através de percepções do quotidiano, daquilo que parece vulgar, sabe tocar a sensibilidade alheia.

O pintor coloca-se entre os bons coloristas, com bastante talento realiza a sua obra, provando que sabe bem caminhar nas artes a que se dedica, e nisso tem e dá prazer.

É por esta razão que a obra de Luís Athouguia nos surpreende e anima, na unidade da força que habita nas suas cores, a necessária sobriedade das suas composições em que a pintura assume toda a sua razão de ser de uma profunda poesia num acto criador contemporâneo.

Pintura despojada, sintética e envolvente.

E cada vez mais pintura. PINTURA SÓ.



LUIS ATHOUGUA nasceu em Cascais. É diplomado pelo IADE, Instituto Superior de Design, em Lisboa. Participou em relevantes exposições internacionais, Bienais de Arte e encontros de Arte Postal. Desde 1983 realizou mais de trezentas exposições de Pintura (64 individuais). Representado em museus, instituições e importantes colecções nacionais e estrangeiras. Foi distinguido com o Prémio Vespeira na Bienal do Montijo.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS (selecção)

2009

Convento de São José, Lagoa
Galeria da Capitania, Aveiro
Casa de Cultura D. Pedro V, Mafra

2008

Tinturaria - Centro de Exposições da Covilhã
Galeria Lucília Guimarães, Guimarães
Centro de Artes e Espectáculos da Figueira da Foz
Paço da Cultura, Guarda

2007

Galeria Paços do Concelho de Torres Vedras
Casa Municipal da Cultura, Coimbra
Galeria São José, Lisboa

2006

Museu da Água, Estação Elevatória dos Barbadinhos, Lisboa
Museu Municipal de Estremoz
Biblioteca Municipal de Ponte de Sor

2005

Galeria Pepper's, Caldas da Rainha
Galeria Municipal de Leiria
Galeria Aquarius, Guarda

2004

Galeria Titara, Sobreiro, Mafra

2003

Galeria MAC – Movimento de Arte Contemporânea, Lisboa
Galeria Municipal de Almeirim
Galeria 4 Montras, Viseu

2002

Palácio Quintela, IADE, Lisboa
Ordem dos Médicos – Galeria de exposições, Lisboa
Galeria Artur Bual, Amadora
Galeria CTT, Lisboa
Museu Martins Correia, Golegã
Galeria BCN – Art Directe, Barcelona, Espanha

2001

Galeria Fábrica das Artes, Torres Vedras
Galeria Municipal de Albufeira
Capela da Misericórdia, Sines
Centro Cultural de Lagos
Museu de Electricidade, Lisboa
Convento de São José, Lagoa

2000

Galeria Municipal de Arte de Abrantes
Galeria Pepper's, Caldas da Rainha

Galeria Municipal do Barreiro

1999

Galeria de Arte de Arruda dos Vinhos
Galeria Vieira Guimarães, Tomar
Galeria de Fitaes, Sintra

1997

Galeria dos Escudeiros, Beja

1996

Galeria Maria Lebre, Tomar

1995

Galeria de São Mamede, Lisboa

1993

Galeria Velásquez, Valladolid, Espanha
Paços do Concelho de Ponta Delgada
Galeria 12 A, Lisboa

EXPOSIÇÕES COLECTIVAS (selecção)

2009

Altes Amtshaus, Bad Neustadt, Alemanha
Centro de Exposições da Covilhã
Museo Civico d'Arte Contemporanea di San Cesario di Lecce, Itália
Museo Comarcal de Hellín, Espanha
Recreios da Amadora
Fórum Municipal Romeu Correia, Almada
Galeria Municipal de Sintra

2008

Círculo de Arte de Toledo, Espanha
Espaço +, homenagem a Artur Bual, Aljezur
Galeria S. Miguel, Fátima

2007

Centro de Arte L'Espinoia, Baignes, França
Fundación Progreso y Cultura, Madrid, Espanha
Paseo del Arte, Centro Puerta de Toledo, Madrid, Espanha
Antigua Fábrica de Harinas, Albacete, Espanha
ALA - Academia de Letras e Artes, Estoril
Museu de São Brás de Alportel

2006

II Exposição Arte na Planície, Monte do Cortiço, Montemor-o-Novo
Galeria Arte G, Emoções Revisitadas, Viseu
Galeria Arte Contempo, Iniciativa X, Lisboa
Convento do Beato, Antiguidades e Colecção, Lisboa
Galeria L M, Colectiva, Sintra

2005

Galeria Arte Contempo, Iniciativa X, Lisboa
FAIM, VI Feira de Arte Independente, Madrid, Espanha
Sharjah Museum of Contemporary Art, Emirados Árabes Unidos
10 Anos do Museu Jorge Vieira, Galeria dos Escudeiros, Beja
Bienal de Artes Plásticas da Cidade de Montijo
Bienal de Artes Plásticas de Mafra

2004

Galeria Pedra do Guilhim, Nazaré
Paço da Cultura, ASTA, Guarda

Galeria Linhares, Arte no Desporto, Lisboa
Sala Aires de Córdoba – Asociación Cultural, Espanha
Asociación Cultural Valentin Ruiz Aznar, Granada, Espanha

2003

Galeria MAC – Movimento de Arte Contemporânea, Lisboa
Galeria Artur Bual, Amadora
Unesco Palace, Beirute, Líbano
Marea Negra “Prestige”, Recinto Ferial, Pontevedra, Espanha
Galeria Abraço, “Com-fio”, Lisboa

2002

Bienal do Montijo
Galeria Maré d’Arte, Carvoeiro
Arteline Galeria, Exposição inaugural, Lisboa
Museu Regional de Sintra
Galeria do Montepio Geral, Lisboa
Museu de Arte Sacra, Alcochete

2001

Galeria Fábrica das Artes, Cristo e a Arte, Torres Vedras
Galeria Pedro Sem, Lisboa
Hotel Alvor, Algarve
Galeria Die Galerie, Ericeira
Galeria Pirâmide, Lisboa
Centro Cultural de Nazaré, Circunspecção
Galeria Arte Directa, Lisboa
Bienal Avante, Seixal
Galeria do Ministério da Justiça, DGAJ, Lisboa
Galeria Abraço, Lisboa

2000

Convento de S. Francisco, Monsaraz
Recreios da Amadora, Milénio Intemporal
Casa de Cultura D. Pedro V, Mafra
Galeria Arthouse, Contraste, Cascais
Quinta das Cruzadas, Linhó, Sintra
Galeria Municipal de Rio Maior
Museu Agrícola de Riachos
Centro Cultural de Vila Nova da Barquinha

1999

Galeria Municipal de Alcanena
Galeria Municipal de Azambuja
Tagus Park, Pólo Científico de Oeiras
Galeria Ler Devagar (exposição inaugural), Lisboa
Culto do Espírito Santo, Convento de Cristo, Tomar
Galeria Iosephus (homenagem a Artur Bual), Lisboa
Galeria Cólicas (exposição inaugural), P. Rol, Torres Vedras
Bienal do Montijo
Museu Municipal do Bombarral
Galeria A Dega, Lisboa
Galeria Castelo Maior, Cascais

1998

Galeria 65 A, Lisboa
Expocig, Palácio da Independência, Lisboa
Expoarte 98, Passeio Marítimo de Cascais
Galeria Roca, Marinha Grande
Galeria Tabu, Torres Vedras
Galeria Maria Lebre, Tomar
Galeria Arte-café & Moira, Lisboa

1997

Bienal de Vila Nova de Cerveira
SNBA, “Obras sobre papel”, Lisboa

Bienal de Cascais, "Utopia 97", Casino do Estoril
SNBA, Fundação Portuguesa de Cardiologia, Lisboa
Bienal do Montijo
Galeria Arte Directa, Lisboa

1996

Palácio Quintela, "Projecto Cais", SEJ, Lisboa

1995

Galeria Potthoff, Lisboa
Galeria Conventual, Alcobaça
"Gala do Zoo", Casino do Estoril
Galeria de São Mamede, Lisboa
IX Bienal Avante, Seixal
Centro Cultural de Belém, "Dia Nacional do Engenheiro", Lisboa

1994

Galeria de São Mamede, Lisboa
Caixa Geral de Depósitos, "África Amiga", Lisboa
Convento de Cristo, Nómadas, Tomar
Galeria Margem, Faro
Bienal de Artes Plásticas Feira Popular de Lisboa

1993

Centro Cultural de Belém, projecto "Criarte", Lisboa
Casa de Arte, Lisboa
Convento da Graça, Torres Vedras
Isabela's Art, Nómadas, Estoril
Galeria Municipal de Torres Vedras

1992

Galeria de São Mamede, Lisboa
"PortArte", Galeria Municipal de Portimão
Galeria Municipal de Torres Vedras

1984

Sociedade Nacional de Belas Artes, Pequeno Formato, Lisboa

1983

Galeria Metrópole, Lisboa
"Sorriso", Bairro Alto, Lisboa

BIBLIOGRAFIA

Cotação de Artistas Portugueses em Leilões, Jean Pierre Blanchon
Programa Entre nós, RTP África, entrevista para Universidade Aberta
Artes Plásticas Portugal, de Narciso Martins, Adrian Editora
Catálogo Nacional de Antiquários e de Arte, Estar Editora
50 Anos de Pintura e Escultura em Portugal, Universitária Editora
Pintura em Portugal 2001, Universitária Editora
Arte em Agenda 2004, Universitária Editora
Jornal Nova Era, imagem da capa do nº 1 (Nov 2001)
Magazine das Artes Plásticas – nº 1 (Out 2002), Editora Turispátria
O Coral – (capa e design) Sophia Mello Breyner Andresen – Portugália Editora
Os Sonhos – (imagem da capa e design) Pierre Daco – Portugália Editora
Pecados de Philip Fleming – (capa e design) Irving Wallace - Portugália Editora
Songs for no Voices – (imagem da capa) Nigel Mcloughlin 2004, Belfast, Irlanda
Blood – (imagem da capa) Poemas de Nigel Mcloughlin 2005, Belfast, Irlanda
Dissonances – (imagem da capa) Poemas de Nigel Mcloughlin 2007, Belfast, Irlanda
A Arte de Pensar – Compêndio de Filosofia 11º ano, 2004, Didáctica Editora
Creative Minds – 2004, Art Slam Press, EUA
Creadores – Edições Aires de Córdoba, 2004, Córdoba, Espanha
Revista Anamnésis, vários artigos na secção de Artes Plásticas
Revista Casa & Jardim (Junho 2007), Artigo de Fundo - Lirismo Transcendente

ALGUMAS REPRESENTAÇÕES

Fundação EDP, Lisboa
Museu da Água, EPAL, Lisboa
Fundação Cupertino de Miranda
Merck Sharp & Dohme, Portugal
A. Menarini Portugal, Farmacêutica SA
Banco Internacional de Crédito, Leiria (Autor exclusivo com 13 obras)
Sharjah Museum of Contemporary Art, Emirados Árabes Unidos
Núcleo de Arte Contemporânea de Sines
Fundação Portuguesa de Cardiologia
Ordem dos Médicos, Lisboa
Associação Cultural Valentin Ruiz Aznar, Granada, Espanha
Galeria de Arte Velásquez, Valladolid, Espanha
Aires de Córdoba – Associação Cultural, Espanha
Federação Portuguesa de Cultura
Câmaras Municipais de Torres Vedras, Amadora, Figueira da Foz, Barreiro, Leiria, Arruda dos Vinhos, Mafra, Montemor-o-Velho, Alcanena, Montijo, Sintra, Pombal, Ponte de Sor e Aveiro.
Em inúmeras colecções privadas em Portugal, Europa, Brasil, Guatemala, Uruguai, Argentina, Malásia, Líbano, USA e Canadá.

COMENTÁRIOS / ENSAIOS CRÍTICOS

Escreveram sobre a sua obra: Artur do Cruzeiro Seixas, Fernando Grade, Álvaro Lobato Faria, Manuela Gonzaga, Vicente Borges de Sousa, Manuel Rodrigues Vaz, João Antero Ferreira, Zeferino Silva, Pedro Rodrigues, José Eliseu, José Bivar, Paulo Machado de Jesus, Francisco Arroyo Ceballos, Eduardo Nascimento, Joan Lluís Montané, Ulises Tales, Margarida Ruas Gil Costa, José Inácio Marques Eduardo, José Neto, Rui Matoso e Manuel da Silva Ramos.

GRUPOS / ASSOCIAÇÕES DE ARTISTAS QUE INTEGROU

Ala - Academia de Letras e Artes, Cascais, Portugal
Colectivo Cillero, Grupo Artístico Internacional, Madrid, Espanha
Núcleo Português de Arte Fantástica, Portugal
Círculo Artístico e Cultural Artur Bual, Portugal
Free International Artists, Itália
Colectivo Cero, Grupo Artístico Internacional, Córdoba, Espanha
Nómadas, Grupo Multidisciplinar Internacional, Portugal
Quadrante, Associação de Artistas de Loures e Odivelas
Gart, Grupo de Artistas e Amigos da Arte, Vila Franca de Xira
Artes, Associação Cultural do Seixal
Arcoartis, Associação de Artistas Plásticos, Damaia
Sociedade Portuguesa de Autores
Sociedade Nacional de Belas Artes

MEMBRO DE JÚRIS DE SELECÇÃO

Prémio de Pintura e Escultura Artur Bual, Câmara Municipal da Amadora, 2007
Prémio de Pintura Médicos Pintores, A. Menarini Portugal, Farmacêutica SA, 2007

LUIS ATHOUGUIA

Rua dos Plátanos, 85 - 5 E
2775-353 PAREDE - CASCAIS
PORTUGAL

T. Móvel: (+351) 91 789 27 03
e-mail: athouguia@gmail.com
internet: www.athouguia.com